



ISSN: 3085-6434•

DOI:

<https://doi.org/10.71263/05nqky61>

O pensar Democrático-libertário na narrativa das independências africanas, hoje.

Lino Francisco Valentim Vahire¹

O propósito desta pesquisa é de refletir sobre o significado do pensar democrático e libertário hoje, 60 anos após as independências africanas. São 60 anos contados a partir do já apelidado *Ano de África*, pelo facto de muitas nações africanas terem alcançado nesta década as suas independências, tais são os casos de Benin (1960), Camarões

¹ Graduado em Ensino de Filosofia, Mestre em Educação/Ensino de Filosofia e Doutorando em Filosofia pela Universidade Pedagógica de Maputo, Docente do Departamento de Letras e Humanidades na Universidade Licungo. Leciona as disciplinas de História da Filosofia Moderna e Contemporânea, Filosofia da Educação e Didáctica de Filosofia I, II, III e IV. E-mail: lvahire@gmail.com, Orcid: 0009-0005-5309-2580.

(1960), Chade (1960), Costa do Marfim (1960), Gabão (1960), Madagáscar (1960), Mali (1960), Mauritânia (1960), Nigéria (1960), República Centro Africana (1960), República Democrática do Congo (1960), Senegal (1960), Somália (1960), Togo (1960), entre muitas outras.

Na década seguinte (setenta), o fenómeno independência acabou contagiando a muitas outras nações tais como Moçambique, Angola, Comores, Djibouti. A experiência já nos mostrou que as nações africanas não estão no pleno gozo das suas liberdades, pese embora tenham alcançado as tais independências há 60 anos.

O conceito de democracia é tradicionalmente e de forma vaga definido como governo do povo e para o povo. A tese que pretendemos defender é a que define a democracia enquanto liberdade e independência no pensar.

Três conceitos norteiam a pesquisa: *liberdade, independência e pensamento*, vistos no contexto democrático. Começamos a nossa análise guiando-nos sob dois prismas: o das *independências* (partindo de algumas provas que nos proporcionam a certeza ou incerteza de estarmos independentes efectivamente) e o das *liberdades* (se podemos falar hoje sobre liberdade ou de um pensar libertário). Contudo, há que realçar que toda a abordagem em torno das independências e do pensar libertário remete-nos a um alto sentido de responsabilidade em relação a este presente que vivemos e a um futuro que ainda está por vir, mas que depende muito do que dizemos e fazemos hoje, numa consciência estratégica de solidariedade que atravessa séculos.

Constituem elementos para a orientação do presente estudo: a tentativa de busca do sentido da experiência do período pós-independência das nações africanas e o do significado da liberdade na dimensão filosófica africana. Achamos lógico consagrar a nossa discussão tomando inicialmente não a dimensão da *liberdade*, mas a da *independência*, um troféu bastante almejado por todas as nações africanas e que decididamente lutaram em todas as dimensões e frentes; é daí que surge a seguinte questão: *o pós-independência pressupõe período de gozo de autonomia no pensar das nações africanas?*

Convocamos algumas racionalidades, que com o seu conhecimento aparecem como porta-vozes condescendentes com o reconhecimento da subjectividade e dignidade dos outros, na luta pela emancipação e desenvolvimento humano: Ngoenha, Appiah, Dewey, Castiano, Taylor, Rancière, Boaventura, são disso o exemplo.

No nosso entendimento: um pensar libertário pressupõe: (re)pensar as modalidades democráticas e participativas a atribuir a uma eventual Unidade africana; instaurar uma “nova forma de guerra”; criação de um ambiente de libertação da palavra e do discurso; um processo de descondicionamento interior. Assim nos tornaremos artífices da nossa *História*, pensando e agindo conjuntamente; comprometidos com a paz na região e no mundo.

Em suma, se a democracia é também *liberdade e independência* no pensar, sua expressão nos torna *seres-no-mundo e para-o-mundo*, conscientes da responsabilidade sobre nós mesmos e sobre os outros.

Chegou a altura em que todas as nações africanas devem definir-se relativamente a valores que as precederam; esforçarem-se por descobrir valores que lhes sejam próprios, métodos e um estilo que lhes sejam específicos.

Olhar com espírito crítico às “ofertas e facilidades” disponibilizadas de fora, que na maioria dos casos são feitas intencionalmente como um favor para obter lucros. Um pensar libertário para as nações africanas independentes há 60 anos é olhar para si mesmas e sentirem-se autores e timoneiras da sua própria *história*, a verdadeira construção da história da África.

Uma história que não se agarre às teias de retaliação adversa ao que já passou; uma história que não reclame hegemonia ou exaltação diante de outras nações; uma história que caminhe com o(s) outro(s), que seja modelo de outras histórias, livre de pré-conceitos. Uma história que não só pensa, mas que também age conjuntamente; uma história de homens comprometida com a paz na região e na humanidade inteira; enfim, uma história que começa hoje.

O conceito do pensar libertário hoje constitui um tipo de pensar assente no(s) princípio(s) ético(s) de *tolerância*, de *reconciliação* e de *solidariedade*, bases sobre as quais se desenvolvem inclusive os grandes temas filosóficos e culturais, como os de *interculturalidade* e de *intersubjectividade*.

Esta atitude libertadora pode tirar o africano de certos hábitos criados por vezes pela excessiva busca de raízes da sua

ontologia, uma luta desenfreada pelo resgate da sua identidade. Entramos assim no princípio de consciência de nós mesmos e do nosso *ser no mundo* que se baseia num exercício de reconhecimento recíproco da descoberta de uma profunda autonomia nossa e dos outros e um resgate de um agir libertário hoje.

Um pensar libertário é viver no mundo conscientes da nossa responsabilidade sobre nós mesmos e sobre os outros.

4. Referências bibliográficas

- APPIAH, K (1997), *Na casa do Meu Pai. A África na Filosofia da Cultura*. Rio de Janeiro, Contraponto.
- CASTIANO, J. P. (2010), *Referenciais da Filosofia africana: Em busca da Intersubjectivação*. Maputo, Njira, Horizontes da Palavra.
- DEWEY, J. (1959), *Democracia e Educação: Introdução à Filosofia de Educação*. 3ª ed. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo, Companhia Editorial Nacional.
- LEVITSKY, Steven, ZIBLATT, Daniel (2018), *Como as Democracias morrem*. Tradução Renato Aguiar. 1ª ed., São Paulo, Zahar.
- NGOENHA, S. Elias (1993), *Filosofia Africana; Das Independências às Liberdades*. Maputo, Edições Paulinas.
- NGOENHA, S. Elias. (2019), *(IN)JUSTIÇA: TERCEIRO GRANDE CONSENSO MOÇAMBICANO*, Maputo, real design.
- NGOENHA, S. Elias. (2013), *Intercultura, alternativa à governação biopolítica?* ISOED, Maputo.

- NGOENHA, S. Elias. (1994), *O Retorno do Bom Selvagem: uma perspectiva filosófica africana do problema ecológico*. Porto, Edições Salesianas.
- NGOENHA, S. Elias (2004), *Os tempos da filosofia: filosofia e democracia moçambicana*. Maputo: Imprensa Universitária.
- NKRUMAH, Kwame (1977a), *A África deve unir-se*. Lisboa, Editor José Fortunato.
- NKRUMAH, Kwame (1977b). *A luta de classes em África*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.
- RANCIÈRE, Jacques (2014), *O ódio à Democracia*, São Paulo: Boitempo Editorial.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (org.) (2002), *Democratizar a Democracia: os caminhos da democracia participativa*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2010), *Epistemologias do Sul*, São Paulo, Cortez Editora.